Carne de cavalo

Desmistificando o assunto

O MERCADO internacional de carne de cavalo é pequeno. Cercado de preconceitos e tabus no consumo interno, o Brasil participa nas exportações do produto. Os maiores importadores são França, Itália, Bélgica, Holanda, Rússia e China, onde não há reservas para o consumo. Rica em ferro e com baixo teor de gordura, ligeiramente mais avermelhada em relação à carne bovina, possui paladar mais adocicado.

Apesar de ter o segundo maior rebanho equino no mundo, com perto de 6,0 milhões de cabeças, o Brasil não possui animais criados exclusivamente para o consumo. Criados para outros fins, o animal vai para o abate quando está no fim da vida. O sistema de abate é humanitário, e a prática é regulada com rigor pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Alimentado, tratado e inspecionado, o animal recebe um número de registro, avaliado por veterinário, no momento da compra.

Longe da cesta de consumo do consumidor brasileiro, os estados com maiores produções são o Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais. A carne de cavalo não transmite doenças. Na Europa, a domesticação do cavalo deu-se em função da alimentação, e, só depois, o homem passou a empregá-lo como animal de tração e sela. A sua comercialização não é proibida, mas os grandes fabricantes nacionais de salame, salsicha ou mortadela não a utilizam como ingrediente.

O preconceito contra a carne de equídeos decorre de barreiras culturais e até de algumas lendas. Por ser ele associado à ideia de grande amigo do homem, a visão do consumidor é de que o cavalo foi feito para o trabalho. Sem o aprendizado inicial de ser um ingrediente de *gourmet*, falta de hábito e pouco acesso, fica difícil para as pessoas mudarem de hábito quando mais adultas.

Como não há cavalos criados exclusivamente para o abate, a rastreabilidade, assim como na maioria dos países produtores, fica praticamente inviável. Com baixa conversão de alimentos em carnes, a lucratividade é muito baixa. ■

Brasil: Exportação de carne de cavalo

Ano	US$ milhões
2004	31,6
2005	34,2
2006	33,9
2007	31,9
2008	27,7
2009	23,4
2010	8,8
2011	6,9
2012	6,8

Fonte: MDIC

Polêmica na Europa

Neste ano, primeiro na Inglaterra, depois na França e em outros países, a carne de cavalo foi encontrada em carregamento de carne rotulada como "pura carne bovina". Na França, o lote importado da Romênia, do leste europeu, através da Holanda, deveria conter apenas carne bovina da Irlanda. Mas, os testes conduzidos em laboratórios na cidade de Cavaillon, no sudeste do país, identificaram DNA de cavalo procedente de diversos países europeus. A amostra foi retirada do carregamento, que seria usado para a fabricação de refeições prontas.

O caso teve pronta repercussão, e o barulho ainda não acabou. Outros fatos semelhantes foram constatados em diversos países da Europa, inclusive em carregamentos destinados a hospitais e creches. O presidente da França, François Hollande, teve de se pronunciar sobre a necessidade de rotular e tornar mais fácil o rastreamento da carne utilizada nos alimentos processados na Europa, para evitar a reincidência de um escândalo. A carne de cavalo não rotulada pode conter traços de fenilbutazona: uma droga anti-inflamatória para uso equino que torna a carne imprópria para consumo humano.

Chamada a se pronunciar por diversos governos do bloco, a Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), de Portugal, garantiu que os níveis detectados de fenilbutazona na carne de cavalo são da ordem dos microgramas, perto de zero, sem constituir risco para a saúde humana. As fiscalizações realizadas pela ASAE confirmaram a presença de carne de cavalo em produtos alimentares à base de carne picada, mas não a presença do anti-inflamatório usado em cavalos de desporto.

A fraude acontece em momento de alta da carne bovina no mercado europeu, acima do dobro de custo em comparação à equina. Independentemente do tipo de carne, esse incidente abala o consumo em geral. As pessoas ficam inseguras e a imagem do setor, arranhada. O sistema de controle sanitário da União Europeia (UE), junto à cadeia de produção e comercialização, com o envolvimento de intermediários, grandes frigoríficos e redes de varejo, ficou na berlinda, pois mostrou desconhecimento da origem do produto colocado à venda.